

## ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: A DISCUSSÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL EM UM CURSO DE PEDAGOGIA

Solange Nunes de Oliveira Schiavetto <sup>1</sup>  
Roberto Henrique Ramiro <sup>2</sup>  
Mariana de Fátima da Silva <sup>3</sup>  
Paloma Fernanda Araújo <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma discussão sobre as contribuições da Antropologia para uma efetiva abordagem da diversidade cultural na formação de pedagogos. Tem como ponto de partida uma análise de atividades curriculares e extracurriculares realizadas por docentes e discentes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Poços de Caldas. Para tanto, realizamos uma análise das propostas implementadas no curso de Pedagogia no currículo de 2008, vigente até a atualidade, no que diz respeito à disciplina Antropologia. Da mesma forma, apresentamos as propostas realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, em projetos de pesquisa e extensão que têm em seu escopo o intuito de relacionar suas atividades dentro e fora da universidade. As reflexões nos levaram a constatar a importância de sempre haver a busca por unir no discurso das disciplinas de fundamentos da educação a teoria e a prática, chamando a atenção aos alunos nos anos iniciais da graduação de que a teoria não pode ser comparada à “palavra oca”, “sem sentido”, “pouco prática”. À esta empreitada, soma-se a idealização e condução de projetos de pesquisa e extensão que reforcem a simbiose entre teoria e prática.

**Palavras-chave:** Antropologia, Educação, Diversidade.

### INTRODUÇÃO

Falar sobre a Antropologia e suas contribuições às mais diversas áreas do conhecimento pressupõe um exercício de reflexão sobre o quanto a humanidade ganha ao pensar sobre si mesma, desde as peculiaridades dos agrupamentos humanos até as especificidades dos indivíduos, sempre levando em consideração seus aspectos biológicos e culturais. Inevitável fazer alusão ao longa metragem “O enigma de Kaspar Hauser” (1974), cuja história gira em torno da temática da construção da identidade humana e do papel da sociedade em tal construção. Afinal, somos seres produzidos socialmente ou nossa identidade prescinde das relações sociais? À maioria dos antropólogos, esta parece ser uma questão já

---

<sup>1</sup>Doutora em História Cultural, IFCH/UNICAMP, Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG/Poços de Caldas, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação. [solange.schiavetto@uemg.br](mailto:solange.schiavetto@uemg.br) ;

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Biologia/UNIFEOB – São Paulo, graduando em Pedagogia, UEMG/Poços de Caldas. [rh.ramiro1@gmail.com](mailto:rh.ramiro1@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia, UEMG/Poços de Caldas. [paahfaculdade@gmail.com](mailto:paahfaculdade@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda em Pedagogia, UEMG/Poços de Caldas. [m2014marianasilva@gmail.com](mailto:m2014marianasilva@gmail.com);

exaustivamente discutida e, até certo ponto, resolvida. Mas o que acontece quando essa discussão ultrapassa os limites do campo da Antropologia e caminha por outras áreas?

A reflexão presente nesta introdução se faz necessária se temos como intuito abordar uma possibilidade de contribuição das reflexões e práticas antropológicas para a área da educação - nosso objetivo central aqui. Contudo, não se trata de retomar, em uma espécie de ensaio bibliográfico, a história da evolução de um pensamento múltiplo, como é o campo da Antropologia. Isto já foi realizado exaustivamente por pesquisadores da área e, diga-se de passagem, esses mesmos pesquisadores já tiveram a intenção de ultrapassar as barreiras disciplinares, levando a Antropologia para um público maior (LAPLANTINE, 2003; ROCHA, 1988). Por outro lado, temos a intenção de apresentar uma possibilidade de abordagem da Antropologia, levando em consideração contribuições para o campo da educação, tanto em termos teóricos, quanto práticos.

Este trabalho apresenta reflexões nascidas a partir da docência em um curso de Pedagogia, em aulas de Antropologia e projetos de pesquisa e extensão, cujas temáticas centrais giram em torno de questões antropológicas e arqueológicas. Acreditamos que tais experiências podem ser traduzidas em encontros enriquecedores às partes envolvidas (antropologia e educação), apesar de muitas vezes serem considerados embates desafiantes e contraditórios (GUSMÃO apud VIEIRA; BADIA, 2015, p. 249). Por esse motivo, acreditamos que apresentar projetos seja uma forma de sugerir caminhos viáveis para a tão perseguida junção da teoria e prática, levando em consideração que tudo o que as disciplinas abordam em termos de teoria é ressignificado na prática da pesquisa e extensão.

Apresentamos um exercício conjunto de docentes e alunos para evidenciar as realizações de cunho teórico (no contexto do currículo, nas disciplinas de Antropologia) e prático (no contexto dos projetos de pesquisa e extensão) reflexões antropológicas na formação de pedagogos. Para tanto, julgamos necessário apresentar pontos relevantes do currículo do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - currículo idealizado por docentes da Faculdade de Educação de Belo Horizonte (FAE/CBH/UEMG, 2008) e implantado também na região sul de Minas Gerais, onde havia um curso fora de sede (Pedagogia) até meados de 2017, e que hoje é uma Unidade da UEMG.

Realizar uma reflexão de tais atividades se justifica pelo fato de a Antropologia ser eventualmente considerada uma disciplina teórica abordada sobretudo nos semestres iniciais dos cursos de formação de professores - aspecto que a tornaria uma disciplina menos

importante à atuação do pedagogo. Acreditamos que as disciplinas de Fundamentos da Educação desempenham um papel crucial na formação do pedagogo, tanto à atuação em contextos escolares quanto não escolares - dimensões compostas por uma diversidade cultural geralmente camuflada pelo discurso de homogeneidade.

Diante de tal justificativa, neste artigo temos como objetivo apresentar por quais vias a Antropologia pode ingressar na educação; e por quais vias ela entra especificamente no curso de Pedagogia da UEMG de Poços de Caldas, MG. Para tanto, a metodologia adotada pelos autores é a análise bibliográfica, apresentando breve discussão sobre a temática, a análise do currículo do curso de Pedagogia em quadro e dos planos de curso das disciplinas de Antropologia - uma descrição e rápida análise dos projetos de pesquisa e extensão realizados pelas docentes e por alunos pesquisadores. Percorrer tal caminho nos levou à constatação da importância de disciplinas de Fundamentos da Educação para uma construção autônoma e engajada do ofício do pedagogo.

## **METODOLOGIA**

A abordagem foi realizada em três frentes:

- Análise bibliográfica de textos que fazem reflexão acerca da importância da Antropologia para outras áreas do conhecimento;
- Análise e breve reflexão sobre o currículo do curso de Pedagogia da UEMG Poços de Caldas e descrição da ementa e plano de ensino do conjunto de disciplinas de Antropologia;
- Análise das atividades realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação de 2012 até o momento e dos projetos de pesquisa e extensão ligados ao NEP, com temáticas antropológicas e arqueológicas.

## **DESENVOLVIMENTO**

A partir daqui apresentaremos uma breve descrição e discussão sobre os lugares que a Antropologia ocupa no curso de Pedagogia da UEMG/Poços de Caldas. Esses lugares, fazendo parte ou não da proposta curricular inicial do curso (FAE/CBH/UEMG, 2008),

representam uma das possibilidades de inserção de discussões sobre diversidade na formação de pedagogos. Constrói-se assim um fazer pedagógico que leva em consideração abordagens críticas de conceitos e atitudes e estabelece discussões acerca das relações entre teoria e prática, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento da alteridade em experiências educativas que se dão em espaços escolares e não escolares.

### **O curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG/Poços de Caldas e a disciplina Antropologia**

O curso de Pedagogia da UEMG de Poços de Caldas foi implantado em setembro de 2002. Como um curso fora de sede, teve até maio de 2017 a direção e administração pedagógica do campus de Belo Horizonte, Faculdade de Educação. Em 2017, Poços de Caldas tornou-se Unidade da UEMG. De 2002 até 2007, o currículo abordado era o de 1998. Em 2008, um novo currículo do curso entrou em vigência, e com ele uma série de modificações foram propostas e implantadas nos cursos de Pedagogia da FAE Belo Horizonte e Poços de Caldas.

Ferreira (2016) analisa o projeto político-pedagógico do curso de Pedagogia em discussão, levando em consideração que a proposta de reelaboração do referido documento tenha sido colocar em prática um currículo integrado. A mesma autora chama a atenção para qual concepção de integração está implícita no documento, qual seja, uma formação teórica e prática que leve em consideração os processos educativos dentro e fora da sala de aula. Dessa forma, a preocupação explícita com as relações entre teoria e prática perpassa o projeto político-pedagógico do curso de Pedagogia em discussão. Nesse processo, “[...] a pesquisa é considerada instrumento de transversalização de conhecimentos e de articulação curricular, no sentido de possibilitar ao aluno aprofundar-se na problematização de questões e busca de novas investigações” (FERREIRA, 2016).

A referida autora, que também é docente da UEMG/Poços de Caldas desde 2003, continua seus argumentos dizendo que, embora o currículo integrado procure romper com a visão racional tecnicista e aproximar-se de uma perspectiva crítica, não se configura em um currículo emancipador, pois simplesmente busca a rearticulação do conhecido, continuando a ser uma regulação técnica (FERREIRA, 2016). As reflexões da autora são importantes para o desenvolvimento de nossas ideias - se quisermos compreender como teoria e prática podem se

relacionar em um contexto que, aparentemente, transforma a formação de pedagogos em uma dualidade explícita, na qual podemos ver a teoria (disciplinas de Fundamentos da Educação nos Núcleos Formativos iniciais) destacada da prática (disciplinas específicas sobre a atuação do pedagogo na sala de aula). Nesse contexto de dualidades, abordar as relações teoria/prática em uma disciplina de Fundamentos da educação torna-se tarefa desafiadora. No entanto, os ecos das teorias antropológicas podem ser encontrados nas atividades realizadas fora das aulas, como veremos mais adiante.

A disciplina Antropologia, inserida na área de Fundamentos da Educação, entra no currículo do curso de Pedagogia da UEMG/BH e Poços de Caldas em dois momentos. Primeiramente, no Núcleo Formativo II, como Antropologia: cultura, sociedade e educação. Traz a possibilidade de o aluno do início do curso compreender o homem como produtor da cultura, correlacionado o homem e sua organização social em face da Antropologia e da Educação com temas relativos às diversidades culturais. Neste momento, é apresentado ao aluno um histórico inicial do nascimento do pensamento antropológico, seus principais conceitos, as relações entre cultura e raça e a importância desta discussão para outras áreas das ciências humanas. Uma correlação é feita às disciplinas dos três primeiros núcleos formativos do curso, que buscam evidenciar o histórico do conhecimento científico e o lugar das pesquisas educacionais nesse histórico. O intuito é despertar no aluno a percepção de que a Antropologia é uma importante área que problematiza conceitos como identidade, cultura, raça, e que tais discussões e reflexões devem fazer parte do cotidiano de pedagogos.

Em um segundo momento, a Antropologia entra no currículo do curso de Pedagogia no Núcleo Formativo III, como Antropologia: Cultura Brasileira. A ementa e o plano de ensino desta disciplina enfocam discussões sobre identidades, chamando a atenção para estudos sobre a formação do povo brasileiro, questões raciais existentes no Brasil, com vistas a evidenciar aspectos que possam ser discutidos de forma crítica por educadores, visando uma educação que valorize a diversidade. Ainda, a disciplina abre espaço para a discussão de temáticas relacionadas às identidades humanas como, por exemplo, discussões de gênero, diversidade sexual, questões indígenas e outras temáticas que possam entrar no escopo de uma proposta que compreenda o campo de ação do pedagogo como plural.

**O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, o projeto de Pesquisa Arqueologia e Educação e seus desdobramentos**

Após a apresentação da discussão sobre o currículo do curso de Pedagogia e a inserção da Antropologia como disciplina, passamos às considerações sobre atividades realizadas fora das salas de aula, mas que propõem uma contribuição às reflexões sobre as temáticas antropológicas em contextos de projetos de pesquisa e extensão. Para tanto, faremos uma breve discussão sobre as atividades do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, e aos projetos a ele ligados.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas está inserido na Unidade de Poços de Caldas da Universidade do Estado de Minas Gerais. Surgiu em 2008, com o objetivo de propor projetos e atividades que tenham como finalidade abordar relações culturais em diversos contextos sociais e educacionais. Em sua proposta original, frisa o intuito de contribuir para a formação de professores-pesquisadores sensíveis à importância de se abordar de forma crítica a diversidade cultural do passado e do presente. Para tanto, os projetos a ele vinculados buscam abordar a história e a cultura local, regional e nacional, partindo do pressuposto de que as identidades humanas fazem parte deste contexto histórico-cultural e não podem ser colocadas em definições estanques.

Levando em consideração as discussões teóricas recentes sobre identidade cultural, um dos projetos idealizados pelos pesquisadores do NEP busca, desde o seu início, abordar as relações entre Arqueologia e Educação. Trata-se do projeto “Arqueologia e Educação: possibilidades de estudos sobre o passado de Poços de Caldas e região”. Desde a sua criação em 2008, e retomada com novos objetivos em 2012, o projeto vem discutindo as relações entre fontes materiais e textuais na construção das identidades que formaram a região de Poços de Caldas. Além disso, o projeto busca levar às escolas um pouco do conhecimento sobre o material arqueológico encontrado na região e em outras áreas de Minas Gerais. Com isso, um olhar crítico sobre patrimônio histórico, cultural e arqueológico tem lugar nas atividades realizadas com estudantes e professores do Fundamental I, II e Médio de escolas da região de Poços de Caldas (SCHIAVETTO et al, 2015, SCHIAVETTO; GILAVERTE; ANDRADE, 2013).

Nesses anos de atuação, o projeto tem reservado especial atenção à formação de pedagogos sensíveis às questões que a Antropologia e a Arqueologia suscitam à área da educação. Tem também se preocupado com a visão que professores e estudantes da Educação Básica fazem da diversidade cultural. As atividades partem dos dizeres das leis 10.639/03 e

11.645/08 que colocam a obrigatoriedade da abordagem da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo da Educação Básica (BRASIL, 2008; BRASIL, 2003). Ao levar em consideração, e colocar como centro das atenções as discussões sobre identidades, o projeto abre espaço para inúmeras atividades que estão relacionadas à sua temática.

O seu principal objetivo é discutir a presença indígena na formação da região de Poços de Caldas e como, a partir da análise dos vestígios arqueológicos, podemos descrever e problematizar essa presença, questionando a visão que geralmente se faz da identidade brasileira como um amálgama, uma fusão de povos geradora de uma única via cultural. Diante de tal objetivo, o projeto realizou levantamento arqueológico na região de Poços de Caldas, encontrou diversos vestígios que atestam a presença indígena no sul de Minas Gerais em tempos pretéritos (SCHIAVETTO; GILAVERTE; ANDRADE, 2013).

No entanto, há a necessidade de sistematizar em futuro próximo as atividades arqueológicas realizadas pelo projeto, visto que, para a escavação dos vestígios encontrados e posterior patrimonialização deste material, é necessário apresentar solicitação formal ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Vale destacar que a coordenadora do projeto é arqueóloga e que mantém parceria com a Fundação Araporã - organização civil sem fins lucrativos destinada a atender interesses coletivos voltados para a questão indígena e a educação patrimonial.

O projeto “Arqueologia e Educação” também teve desdobramentos em outras ações, tendo como foco a atuação na universidade, em escolas da região de Poços de Caldas e na comunidade do entorno do município. É o caso dos projetos “Ações educativas do projeto Arqueologia e Educação: questões de diversidade no Ensino Fundamental I”, projeto de extensão realizado em 2018 (RAMIRO et al, 2018), “História e Cultura do povo Kiriri do Rio Verde de Caldas”, projeto de extensão realizado em 2019 (SCHIAVETTO; RUELLAS, 2019), “Pesquisas arqueológicas e sua inserção em conteúdos de livros didáticos do Ensino Fundamental I”, projeto de pesquisa realizado em 2019 (SCHIAVETTO, 2019). Todos esses projetos trazem em seu bojo a possibilidade de abordar a questão da diversidade cultural de diferentes formas e fontes, evidenciando a rica contribuição das temáticas abordadas pela Antropologia para a formação e a atuação do pedagogo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Muito se tem discutido sobre currículos de cursos de licenciatura e sua construção oscilante entre disciplinas de cunho teórico e prático. Vieira e Badia (2015), por exemplo, levantam uma pertinente discussão sobre a atuação da Antropologia como disciplina de Fundamentos da Educação nos primeiros anos dos cursos de Pedagogia. Seria uma prática eficiente estabelecer uma fissura entre teorizações e *práxis*, submetendo alunos dos anos iniciais do curso a discussões teóricas que, na maioria das vezes, pouco serão abordadas em disciplinas de cunho prático, como as metodologias de ensino? Nosso foco é lançar mão de uma visão otimista de que as elaborações teóricas trabalhadas no início da formação de pedagogos em disciplinas como Sociologia, Filosofia e, principalmente Antropologia, estão de forma intrínseca ligadas à atuação do profissional da educação em seus diferentes contextos. Desta forma, podemos chamar a atenção às inúmeras vias que as discussões antropológicas entram na área da educação.

Primeiramente, é necessário ter em mente que com as reflexões advindas da Antropologia o professor “...terá condições para analisar e valorizar a heterogeneidade e a diversidade sociocultural, de maneira que abandone a postura etnocêntrica que faz do ‘diferente’ um inferior e da diferença uma ‘privação cultural’.” (VIEIRA; BADIA, 2015, pag. 250). Acreditamos que somente esse objetivo já tornaria a Antropologia uma disciplina que desempenha um papel fundamental na formação de educadores/professores sensíveis à diversidade humana e, principalmente, críticos às construções sociais que fazem da diversidade muito mais um problema do que a constatação da riqueza humana. No entanto, podemos apresentar mais vias pelas quais a Antropologia entra na educação, e nos cursos de licenciatura.

1) Em primeiro lugar, podemos destacar o papel fundamental da teoria antropológica para a formação de professores. A percepção de que o ser humano é construído enquanto sujeito social, discussão esta presente nos manuais introdutórios sobre o pensamento antropológico, mas também em obras como o já citado filme *O enigma de Kaspar Hauser*. Chamar a atenção para as relações entre o biológico e o cultural na construção humana (SILVA; SILVA, 2009), problematizando e chegando ao cerne da percepção de que as ideologias que racializam relações, ou seja, tornam a constituição biológica do ser humano como determinante das relações sociais, muito tem contribuído para uma visão racista (SCHWARCZ, 1993).

2) Logo em seguida, podemos chamar a atenção para a importância das discussões conceituais. Levar em consideração que os conceitos são construídos e problematizados dentro de variadas áreas do conhecimento, e que tal construção é processual, ou seja, nunca cessa, é muito importante. Os conceitos devem ser problematizados também em um curso de formação de educadores/professores. Um exemplo é o conceito de ‘cultura’ (LARAIA, 2001), crucial para se compreender os fenômenos que se processam dentro do espaço escolar. Historicizar raça e racismo (SILVA; SILVA, 2009) também se torna uma tarefa importante pois aceitar acriticamente o conhecimento que vem de outras áreas pode ser uma porta aberta a visões homogeneizantes de ser humano.

3) A Antropologia também está presente nas discussões da área da pesquisa em educação, nas quais a especificidade do ofício do antropólogo torna-se crucial para visões qualitativas dos fenômenos educacionais. O método etnográfico é uma via importante para o pesquisador da área da educação alcançar com maior desenvoltura as mais sutis camadas dos fenômenos educacionais. A experiência do ‘estar lá’, tão valorizada pelos antropólogos pós visão evolucionista, é um caminho perseguido pelos pesquisadores da área da educação desde o advento das metodologias críticas ao positivismo (LAVILLE; DIONNE, 1999).

4) Por fim, as temáticas antropológicas podem entrar no curso de Pedagogia por meio de projetos de pesquisa e extensão que envolvam as reflexões teóricas realizadas no momento das disciplinas. Tais projetos podem envolver temáticas como relações étnico-raciais, gênero, diversidade sexual, questão indígena, formação da identidade brasileira, culturas escolares, dentre outros temas relevantes para se compreender as relações entre o espaço escolar e a diversidade humana. No caso específico dos autores deste artigo, apresentamos as atividades de pesquisa e extensão realizadas por um grupo de pesquisadores (docente, alunos de Pedagogia bolsistas e voluntários, professores do Ensino Fundamental da rede pública de Poços de Caldas, Minas Gerais), cujos trabalhos levam a alunos e professores do Ensino Fundamental palestras, rodas de conversa e oficinas sobre diversidade cultural, sobretudo a abordagem da história e cultura indígena nacional e regional e a problematização das questões indígenas atuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, o presente artigo representa um esforço coletivo de lançar múltiplos olhares para as contribuições da Antropologia na formação de pedagogos. Esses múltiplos olhares são representados pelos seus autores – duas docentes advindas de áreas diversas da Pedagogia (Ciências Sociais e História), universitários do curso de Pedagogia que participam de projetos de pesquisa e extensão, e um licenciado em Biologia, professor atuante e também aluno do curso de Pedagogia. É importante chamar a atenção para tal diversidade, na medida em que acreditamos que ela enriquece as experiências dos estudantes dentro e fora da Universidade e traz a eles a possibilidade de fazer valer de forma eficiente a proposta do currículo do curso de Pedagogia.

O nosso objetivo com este artigo foi defender a ideia de que, mesmo em um currículo que muitas vezes pode ser prescritivo, apresentando de antemão as normas a serem seguidas para uma condução sistemática de um curso, possibilidades de abordagens podem ser sugeridas quando se ultrapassa as paredes das salas de aulas e se tem como objetivo realizar uma prática teoricamente guiada. A Antropologia inserida no curso de Pedagogia como uma disciplina de Fundamentos da Educação pode e deve cumprir o seu papel de levar aos alunos reflexões sobre temáticas cruciais para se desenvolver o pensamento autônomo, tanto na formação quanto na atuação. Dessa forma, reiteramos a ideia aqui apresentada de que as atividades realizadas por alunos do curso de Pedagogia fora da sala de aula redimensionam e dão sentido às discussões teóricas cruciais à boa formação do pedagogo.

As reflexões realizadas também nos levaram a constatar a importância de sempre haver a busca por unir, no discurso das disciplinas de Fundamentos da Educação, a teoria e a prática, chamando a atenção aos alunos nos anos iniciais da graduação de que a teoria não pode ser comparada à “palavra oca”, “sem sentido”, “pouco prática”. Nessa empreitada, o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão nos quais alunos possam se envolver no decorrer do curso é crucial para a constatação de que o que se discute dentro das salas de aulas universitárias pulsa em cada detalhe do cotidiano dos profissionais da educação. Assim, acreditamos que o encontro desafiante e contraditório (GUSMÃO apud VIEIRA; BADIA, 2015, pag. 249) que representa a entrada da Antropologia na Educação pode se transformar em algo mais significativo para alunos de um curso de Pedagogia.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. 2008.

BRASIL. **Lei 11.645/2008**, de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.

FAE/CBH/UEMG. **Currículo do Curso de Pedagogia**. Belo Horizonte:UEMG, 2008.

FERREIRA, Afonsina M. **Currículo integrado no curso de Pedagogia: do projeto político-pedagógico às repercussões na sala de aula**. Piracicaba: UNIMEP, Dissertação de Mestrado em Educação, 2016.

GUSMAO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação: Origens de um diálogo**. Cad. CEDES [online]. 1997, vol.18, n.43, pp.8-25. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621997000200002>.

HERZOG, W. *Jeder für sich und gott gegen alle*. Original: Cada um por si e Deus contra todos. Traduzido como: **O enigma de Kaspar Hauser**. Alemanha: ZDF Produções, 1974.

LARAIA, Roque B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PEREIRA, Lucas Bernardes. **As contribuições da Antropologia e da Arqueologia para a Educação**. UEMG/Poços de Caldas, Trabalho de Conclusão de Curso/Pedagogia, 2019, 48 pág.

RAMIRO, R. H; SCHIAVETTO, S. N.O.; BERNARDES, A. S.; SILVA, L. P. . Ações educativas do projeto Arqueologia e Educação: Questões de Diversidade no Ensino Fundamental I- Ações com os professores.. In: 2º Congresso Nacional de Educação, 2018, Poços de Caldas. **Anais do 2º congresso Nacional de Educação**, 2018.

ROCHA, Everardo. **O que é Etnocentrismo**. 5ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

SCHIAVETTO, S.N.O. **Pesquisas arqueológicas e sua inserção em conteúdos de livros didáticos do Ensino Fundamental I**. Projeto de Pesquisa. Poços de Caldas/UEMG, 2019.

SCHIAVETTO, S.N.O.; RUELLAS, T.B. **História e Cultura do povo Kiriri do Rio Verde de Caldas**. Projeto de Extensão. Poços de Caldas/UEMG, 2019.

SCHIAVETTO, S.N.O. **Ações educativas do projeto Arqueologia e Educação: questões de diversidade no Ensino Fundamental I**. Projeto de Extensão. Poços de Caldas/UEMG, 2018.

SCHIAVETTO, S. N.O.; CARVALHO, T. R.; ZANETTI, G. A.; SILVA, L. P.; REIS, L. G.. **ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO: possibilidades de estudos do passado da região de Poços de Caldas**. In: 2º Congresso Nacional de Educação, 2018, Poços de Caldas. **Anais do 2º Congresso Nacional de Educação**, 2018. v. 1.

SCHIAVETTO, S. N.O.; REIS, Luciana Garcia. ; Moras, Iara Cristina Silvino ; Guimarães, Alegna Calácio . As possibilidades de um projeto arqueológico em uma faculdade de educação. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 12, p. 234, 2015.

SCHIAVETTO, Solange N.de O., GILAVERTTE, Ana Paula & ANDRADE, Diego dos S. Projeto Arqueologia e Educação: um olhar para o passado da região de Poços de Caldas. **Revista de Arqueologia Pública**. N. 7, 138-152, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. - São Paulo: Contexto, 2009.

VIEIRA, Karina A.; BADIA, Denis D. O ensino de Antropologia nos cursos de Pedagogia: caminhos para a diversidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.11, n.20, p. 247-269, set./dez.2015.